

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão—Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

Aos nossos leitores

BOAS FESTAS

O NATAL

E' chegado finalmente o momento predito pelos prophetas. Vam cumprir-se os eternos conselhos de Deus para a redempção humana.

As prophcias dos videntes, as ansias dos patriarchas, os desejos das nações, tudo vai preencher-se. As figuras estão completas.

O momento é de paz. O mundo, sujeito ao imperio de Augusto, goza de não usada tranquillidade.

Na humilde lapa de Belém, segregada do bulicio das gentes, a horas caladas da noite, apparece no mundo o Redemptor prometido, o Filho de Deus, Verbo eterno consubstancial com o Pae, Deus elle mesmo, revestido da natureza humana.

Eiz o prodigio dos seculos, mysterio de misericordia e amor, que só poderia comprehender quem o visse das alturas da Divindade.

"Glória a Deus nas alturas!",
Agora sôa com novo enthusiasmo esta voz angelica, que resume o estupendo côro de louvores, o maravilhoso concôrto de harmonias, que a creação inteira entôa perennemente ao seu Auctor.

Glória a Deus! "Bemdito o Senhor, Deus de Israel, que visitou e fez a redempção do seu povo!,"

"E paz na terra aos homens de boa vontade!,"

Paz aos homens! Por ella suspiram os miseros filhos de Adão desde a fatal desobediencia do prevaricador

Paz! Eiz o maior bem, ou, antes, o bem que suppôa a posse dos outros bens.

Paz! Eiz o sello da felicidade, o complemento de todas as aspirações, o remate da perfeição.

Paz! Creado para Deus, o homem não a pôde encontrar fóra de Deus, sob pena de não ser paz a sua paz.

Paz! Eiz o grande bem que Jesus-Christo veio trazer ao mundo.

Paz! Eiz o cunho especialissimo, ineffavel, da festa do Natal.

"Não é forte o espirito que não cresce á vista da difficuldade."

S. Bernardo.

Carta do Porto

A educação nos seminarios e o clero

Não ha que fugir ao assumpto. Por tal fórma traz elle occupada a mente dos interessados, e de muitos que desejam sinceramente o bem da Igreja e dos sacerdotes que a servem, que quasi não versam outra questão.

De facto, ella é momentosa e grande de mais para que não impressione o mundo dos que pensam. Depois, accresce o facto espantoso, e tristemente significativo, da revolta de setenta seminaristas, que em Bragança se propunham nada mais e nada menos do que matarem os superiores que no internato os dirigiam.

Este facto, tristissimo e injustificavel em si mesmo e em todas as circunstâncias que o acompanharam, teve uma grande parte de providencial; porquanto, se elle se não dêsse, haveria sempre razões que justificassem a reluctancia daquelles que têm obrigação de olhar para as coisas como ellas são, e não olham ou não as vêem por lhes ser isso mais aprazível.

Ser auctoridade—seja ella ecclesiastica, civil ou militar—não é só vestir uma farda e apresentar-se vistoso em dia de festa. E' innegavel que isso lhe dá lustre e a reveste de respeito; mas verdade é tambem—e esta mais essencial do que aquella—que a auctoridade tem obrigações e deveres indeclinaveis com responsabilidade efectiva contrahida para com seus subditos.

Por cuja razão as auctoridades que têm a seu cargo o governo da nação, onde a religião professada é a catholica romana, como felizmente é Portugal, conjunctamente com os bispos, que têm a nobre missão de olhar não só pelos padres, seus coadjutores, mas tambem pelas almas de todos quantos lhes estão confiados, têm obrigação restricta de olharem paternal e sollicitamente pela formação daquelles que, seguindo a vida ecclesiastica, têm a seu cargo a morigeração de todas as classes.

A auctoridade não deve só ter em vista fazer bons padres; precisa de olhar por aquelles que a meio ou no fim do caminho se sentiram com repugnancia em abraçar tal estado. E isto não é um favor; é a justiça que clama em defesa dos innocentes, que aos dez annos, quando tudo é inexperiencia, quando ainda só lhes compete obedecer, sam lançados numa carreira onde está escripto este verso do Alcorão: «ou crê ou morres!» Tal é a conclusão a que se vê forçado o individuo, que ao chegar á idade do raciocinio e da liberdade, que impôe responsabilidades, se

reconheceu sem vocação para padre, tendo cursado um seminario.

As vocações ao sacerdocio, como a de Arão ou de S. Paulo, sam rarrissimas, e não é, portanto, com estas que se deve contar. Mesmo, se ellas fossem assim, não havia necessidade alguma de seminario, porque fazendo Deus um chamamento, especial, tambem dá especial conhecimento. O que é preciso contar-se é com vocações, que em regra se conhecem mais pelas aptidões para tal cargo, do que pela vontade formada e appetecivel desse mesmo ministerio.

Isto é o que diz a experiencia de quem quer ver as coisas como ellas são, ainda que não como deveriam ser.

Destas considerações resulta evidente que, não sendo os homens chamados ao sacerdocio, como Jesus Christo os chamava, aos trinta e mais annos, olhando-lhes só para o coração e para a vontade, mas exigindo-se-lhes por via de regra uma formação que principia com os dez annos, quando ainda é naturalmente impossivel uma vocação decidida com conhecimento dos encargos correspondentes, por esse facto não se pôde exigir que todos correspondam á missão a que os destinam. E dahi nasce a obrigação indeclinavel que as duas auctoridades, civil e ecclesiastica, têm de se harmonizarem para que não sejam lançados num estado invio aquelles que se reconheceram mais tarde incapazes duma missão que exige sacrificios a que nem todos sam obrigados.

Os exames pois devem servir para qualquer carreira, como o de instrucção primaria serve, e não para uma só e determinada.

Se ao fim do quinto anno, na lei vigente nos lyceus, se reconhecer que o estudante ainda não tem os conhecimentos requeridos, e que o sexto e septimo lhe não está em harmonia com as necessidades da carreira a que se dedica, haja um curso medio como acontece aos que se dedicam á medicina, que têm de frequentar um certo numero de aulas, que aqui no Porto sam na Polytechnica, para depois se poderem matricular no primeiro anno de medicina, que neste caso corresponderia ao primeiro de theologia.

Exigir-se porém que uma pessoa tenha vocação para o estado ecclesiastico na sua maior idade, quando para ali foi levada numa idade em que lhe não podia medir as responsabilidades, ou exigir-se que perca todo o trabalho da sua mocidade, que não volta, sendo-se na maioria dos casos pobre, não sabemos se é crueldade; mas temos a convicção de que, longe de ser um bem, é um mal. A experiencia é inexoravel para com tal procedimento ou orientação.

Afirmamos que com este estado de coisas perde a Igreja e perde o estado; e por serem evidentes as affirmações, dispensamo-nos da sua demonstração.

Porém a questão é um pouco mais complexa e de mais responsabilidades do que á primeira vista parece. Não deve encarar-se só por um lado, mas sim de todos ou pelo menos de varios, para poder

ver-se alguma coisa de real. Assim, muitos estudantes lamentam-se perpetuamente — e não só em quanto estudam, mas mesmo depois de formados—de não lhes ter sido possivel seguirem outra qualquer carreira. E, com este desgosto, nascido na adolescencia, alguns vam á sepultura sem poderem debellá-lo; e outros cáem como que num marasmo de indifferença, sem que nunca mais tomem gosto pelo sacerdocio, sómente por se imaginarem forçados no meio que os levou aquelle estado.

Se isto felizmente se não pôde dizer de todos, pôde contudo, infelizmente, dizer-se de muitos; e, se alguém tiver dúvidas a tal respeito, coaviva com elles e com as pessoas suas particularmente amigas, que não lhe será difficil encontrar esta verdade.

Um mancebo a que curse o lyceu e depois siga a vida ecclesiastica, é que pôde descrever com verdade a amargura por que passam os seus novos condiscipulos por não serem como elle livres na escolha do seu estado. E as queixas infelizmente sam fundadas.

Por outra parte é flagrante o que se passa na vida pratica. Ha padres formados nos seminarios e ha-os formados na universidade de Coimbra. Uns têm uma formação com internato, com direcção espiritual e severamente disciplinar; outros têm uma formação que dispensa tudo isto. Pois todo o mundo pôde verificar que o nivel moral dos primeiros só vence o segundo pelo numero, porque, talvez muito proporcionalmente, em ambas as partes, ha bem e mal. E—coisa mais célebre ainda—para o desempenho de qualquer funcção ecclesiastica, que revista uma certa representação, por via de regra sam sempre preferidos os universitarios aos formados nos seminarios!!! Conegos, professores para seminarios, commissariados appeteciveis, sam em geral desempenhados por padres saídos da universidade com preferencia manifesta aos formados nas casas profissionaes. Será isto a equidade, a justiça, a moralidade?

Somos, francamente o confessamos, pelos bons seminarios, mas ficamos pedindo a Deus inspire os seus reformadores.

R. L.

"Nunca fará coisa bem feita quem sempre pensa que acerta."

Fr. Antonio Feio.

"Cor Iesu Sacratissimum..."

Por decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, de 17 de junho do anno corrente, dignou-se o Santissimo Padre Pio X de conceder que as orações recitadas pelo sacerdote e fieis depois da missa se possa acrescentar por tres vezes esta devotissima invocação: «Cor Iesu Sacratissimum, miserere nobis.»

Ao sacerdote e fieis, que com elle recitarem esta invocação com as devidas disposições, concede Sua Santidade sete annos e sete quarentenas de indulgências, que podem ser applicadas ás almas do Purgatorio.

Já depois a mesma Sagrada Congregação foi interrogada se, para se lucrarem aquellas indulgências, basta que o sacerdote diga depois da missa so esta parte «Cor Iesu Sacratissimum», respondendo o povo «miserere nobis»; e respondeu affirmativamente (em 19 de agosto deste anno).

Interrogada tambem sobre se é obrigatoria a recitação desta piedosa invocação depois das outras preces que já se diziam no fim da missa, declarou a mesma Sagrada Congregação que, embora o Summo Pontífice não imponha a obrigação de se fazer tal recitação, deseja todavia que todos os sacerdotes a façam e exhortem a isso os fieis.

Parece porém que este vivo desejo do Santo Padre ou não é assás conhecido, ou é inteiramente esquecido em muitos logares. Será por se ter lido numa publicação catholica que para o cumprimento daquella vontade do Summo Pontífice é preciso consentimento dos Ex.^{mas} Prelados? De nenhuns consta que seja precisa essa autorização; e o mesmo demonstra o silencio dos mesmos Ex.^{mas} Prelados a tal respeito: pois, que sabemos, só o Ex.^{mo} Bispo de Vizeu recommendou ao clero e fieis a observancia dos desejos de Sua Santidade.

No tocante a este arcebispado de Braga, quem estas linhas escreve já mais do que uma vez ouviu recitar a referida invocação na presença do Ex.^{mo} Arcebispo Primás; o que mais nos confirma na opinião de que não é precisa nenhuma auctorização formal a tal respeito.

Bom seria, em todo o caso, que, tiradas todas as dúvidas—se alguém as tem—, consultando os Ex.^{mas} Prelados, se não continuassem a privar os fieis das abundantes graças concedidas pelo Summo Pontífice, negando ao mesmo tempo ao Santissimo Coração de Jesus esta tam facil devoção.

"A conversação é um commercio: se nella entras sem fundos, nada podereis ganhar."

Sterne.

Os beneficios da confissão

IX

Da obrigação da confissão

Esta obrigação é-nos imposta por Jesus-Christo, que instituiu este sacramento dando a seus apostolos e aos successores delles o poder de perdoar os peccados. Logo foi o mesmo Deus quem estabeleceu no mundo a confissão: é elle quem manda que nos vamos confessar aos seus sacerdotes, para obtermos pelo seu ministerio o perdão de nossas culpas e a libertação do inferno.

A Igreja promulga esta obrigação e no-la recorda pelo célebre canone do quarto concilio de La-trão, que principia assim: «*Todo o fiel dum e doutro sexo, como tiver attingido a idade da discreção, confesse fielmente todos os seus peccados pelo menos uma vez cada anno...*» Não é pois um mandamento novo o que a Igreja nos impôs: ella não fez mais do que lembrarnos o preceito divino da confissão e fixar-nos um termo em que devemos cumpri-lo. Mãe sábia e prudente, viu que muitos de seus filhos seriam tam negligentes, que passassem longos annos sem saír de seus vicios, e quis estimular a sua preguiça, intimando-lhes do

A Restauração

modo mais formal a ordem de não deixarem passar um anno sem se confessar. Mas o desejo da Igreja é que cada qual receba amilladas vezes este sacramento.

Os que se contentam com a confissão annual: 1.º desconhecem o espirito da Igreja, que, por aquellas palavras «*pelo menos uma vez por anno*», bem nos dá a conhecer as suas intenções; 2.º expõem-se a fazê-la mal, pois como ha um de se lembrar de tantas iniquidades, que tiver deixado accumular durante um anno inteiro? 3.º mostram a maior negligencia a respeito da sua salvação e expõem-se a perder a alma. Dever-se-hia sempre recorrer a este remedio, logo que se tem consciencia de peccado: quanto mais se demora, mais se quer demorar; e, quanto mais se multiplicam os peccados, mais custa a haver delles lembrança. Quem tiver um pouco de fé, poder-se-ha demorar um só instante no peccado, sabendo que é objecto da colera de Deus?

O padre Allemant, fundador da Obra da Mocidade em Marselha, morto em cheiro de santidade a 10 de abril de 1836, tinha para si que não ha meio mais efficaz, do que a confissão, para educar as creanças e armar a juventude contra o attractivo das paixões. Por isso, ainda que o regulamento da Obra não exigia em rigor senão a confissão mensal, o padre Allemant de tal modo se havia applicado a inspirar o amor deste sacramento aos seus educandos, que os confessava a quasi todos cada oito ou cada quinze dias. Havia até muitos, que elle confessava duas vezes por semana. Homem admiravel! Quantos môços não tornou elle invencíveis contra todos os assaltos do inferno por este só escudo da confissão frequente!

Um padre capuchinho pregava uma missão. Um dia fôra à Igreja depois de jantar. Ali, depois duma breve adoração, estudava como poderia organizar um bom altar de estacão para uma cerimonia que dentro em pouco havia de effectuar-se. Estava todo preocupado com o seu plano, quando um velho capitão, de quem elle muito tinha ouvido fallar e a quem alguma coisa conhecia, se approxima d'elle com estas palavras: «Estais traçando algum plano de guerra? — De certo que não, senhor capitão: estou arranjando o plano para um altar de estacão; é talvez um plano de guerra, mas um pouco differente dos vossos. Disseram-me, senhor capitão, que já entrastes em 24 campanhas: é certo? — E' tal como aqui me vêdes, tenho-as visto de todas as cores; já estava acostumado às balas e à metralha. — Quantas feridas recebestes já? — Nenhuma, meu padre: tenho sempre amado a Deus em meu coração, e Deus tem-me protegido sempre. — Sejamos francos, capitão: no momento do perigo alguma coisa pensáveis em Deus, mas depois!... — Estais enganado, meu padre: no perigo e fora do perigo tenho sempre amado a Deus em meu coração, tenho-lhe sempre feito alguma oração. Tenho servido grande imperador e acredito, com elle, num *Ente supremo*. — Dizê-me uma coisa, capitão: quem é maior, Jesus-Christo ou Napoleão? — Ora essa!... E' Jesus-Christo, pois é Deus. — Pois bem, capitão: por Jesus-Christo quantas campanhas tendes feito? — Bem vos entendo, meu padre; obrigais-me a dizê-lo para minha vergonha: pelo imperador já entrei em vinte e quatro campanhas, e por Jesus-Christo, que é mais do que o imperador, apenas numa, e já vai ha dezoito annos. — Mas não basta declará-lo, capitão: é preciso repará-lo. — Dais-me uma boa ideia: vou examinar o caso e amanhã trazer-vos-hei a resposta.»

No dia seguinte, aquelle velho capitão acerca-se outra vez do missionario: «Meu padre, lhe diz, tudo está examinado: não ha dúvida que é preciso fazer pelo menos tanto por Jesus-Christo como pelo imperador. Ides ouvir-me de confissão, e no domingo à missa parochial virei commungar deante de toda a gente. Assim é necessario: sendo o mais velho do lugar, devo dar bom exemplo.» No domingo approximou-se com effeito da santa mesa adornado de todas suas condecorações perante uma assembleia numerosissima, maravilhada de presenciar tal exemplo de fé e coragem. Depois da missa, o honrado capitão dirige-se à residencia para affirmar ao bom padre o seu reconhecimento. «Deixai-me dizer-vos, exclama elle na alegria de sua alma, que soubestes tocar o meu coração; conseguistes o que fizera soçobrar grandes personagens. Membro do conselho da fabrica, tenho tido a glória de me assentar à mesa com tres bispos, que successivamente têm administrado a nossa diocese: todos me têm incitado a cumprir os meus deveres religiosos; só vós porém soubestes levar-me a essa pratica. Mas esta campanha por Jesus-Christo não basta: estou em grande atraso, e farei outra no dia da communhão geral dos homens.»

E fê-la em verdade com grande edificacão. Desde aquelle momento foi sempre fiel ao seu dever, e protesta que ha de ser assim até ao cabo. Não pôde comprehender como tardou tanto em conhecer que é preciso fazer pelo menos tanto por Deus, como por um rei ou imperador.

A moralidade desta história é facil de tirar. Talvez que tambem vós, amigo leitor, não tenhais feito muitas campanhas pelo vosso Deus: se estais em atraso, imitai aquelle valente capitão; nada temais, e cumpri altivamente o vosso dever. Na volta duma das suas expedições à Africa, o general Bedeau, encontrando um sacerdote que se dirigia para Constantina, manda fazer alto à sua columna, desce do cavallo, ajoelha-se ao pé duma arvore e confessa-se ao padre. Depois, voltando-se para os seus soldados: «Meus amigos, lhes diz, dentro de poucos dias tornaremos a encontrar-nos deante do inimigo: se algum de vós quer pôr a sua consciencia em ordem, saia das fileiras e faça como eu.»

Por vossa parte, amigo leitor, sai das fileiras dos indifferentes e lembrai-vos de que da penitência fez Deus a virtude dos mortaes.

Eserville.

«Quem sabe afogar a ira, mostra ser prudente.»

P.º Manuel Bernardes.

Anecdotas historicas

LXIV

Uma orgia sacrilega. Em 1793, epoca tam fecunda em crimes de toda a especie, um regimento francês, que se achava na Italia, passou por uma aldeia na occasião duma tempestade, que foi seguida de grande chuva. Os soldados encontraram a igreja aberta e entraram nella para se abrigar. Como se estava num tempo, em que se lidava por destruir a religião, e em que aquelles cuja fé e piedade não eram bem enraizadas, folgavam de se mostrar impios, os soldados portaram-se no templo do Senhor como no logar mais

profano. Subiu à cabeça de alguns, que se mandasse vir para ali vinho: esta proposição foi bem recebida. Trouxeram-no com effeito em grandes palanganas: mas, como não havia bastantes taças e copos para o distribuir, houve um soldado a quem a impiedade levou a buscar um vaso sagrado por meio dum horrivel sacrilegio. Sobre ao altar, mette dentro a porta do sacrario, ousa tomar em sua mão o ciborio, lança ao chão as hostias santas que elle continha, e acerca-se dos outros todo triumphante. Mas era chegado o momento em que o Senhor ia fazer estalar a sua vingança sobre aquelle desgraçado. Ao mergulhar o vaso sagrado numa das palanganas, onde estava vinho, caiu redondamente morto! E, para que ninguém duvidasse de que esta morte era effeito da vingança dum Deus irritado, ninguém alcançou a tiralhe das mãos o ciborio profanado, por mais esforços que para isso empregaram os que estavam presentes. Recorreu-se então ao parochio da freguesia, que logo lho tirou sem custo. Muitos dos habitantes da parochia, que naquella occasião se achavam na igreja, foram testemunhas do sacrilegio commettido pelo soldado e das consequencias que elle lhe rendeu. Um delles, que era mau christão, converteu-se e confessou-se naquelle mesmo dia. «A justiça de Deus, diz S. Cypriano, pesa sobre alguns para servir de exemplo a todos—*Exempla sunt omnium tormenta paucorum.*»

«O pejo no mau é bom; no bom é mau.»

S. Gregorio.

SCIENCIA PRATICA

A decoada da roupa branca

Não ha dona de casa que não tenha a sua receita para lexiviar a roupa branca: mas é de crer que muitas dessas receitas não valham grande coisa; sendo que em muitas se abusa do chloreto de potassa, o que causa grave detrimento à duracão da roupa.

Apontamos hoje aos nossos leitores um novo methodo, que nos parece inteiramente desconhecido entre nós, mas com o qual, segundo uma revista scientifica estrangeira, se têm achado bem os que por lá o adoptam. E de tanto melhor vontade o fazemos, quanto o novo methodo nos parece mais simplez do que os geralmente empregados; pois com elle supprime-se a operacão prévia de molhar e bater a roupa (que algures chamam «esfriar»), a fervura e as esfregaduras; e a despesa tambem é reduzidissima.

Os productos que se empregam comprehendem sabão de boa qualidade, essencia de terebenthina e ammoniaco liquido, nas seguintes proporções: para cada 25 litros (um almude) de agua quente é preciso um chilogramma de sabão, 60 grammas de essencia de terebenthina e 75 grammas de ammoniaco.

Qualquer que seja a quantidade de lexivia ou barrela que se queira preparar, guardem-se sempre estas proporções; e não se faça a mistura à lóa, mas com mão pharmaceutica, quer dizer, pesando devidamente ou comprando já no peso preciso as drogas referidas, o que não é difficil.

A agua quente deita-se numa vasilha de madeira ou de folha estanhada: lança-se nella o sabão cortado em delgadas fatias, para que a dissoluçãõ seja mais promp-

ta; em o sabão estando perfeitamente dissolvido, ajunta-se-lhe a essencia de terebenthina e o ammoniaco. Mistura-se bem tudo, agitando-o com uma mancheia de varas de vime ou com uma pequena vassoira de palha forte.

Em seguida dispõ-se neste banho, sem que para o caso tenha importancia a ordem da disposiçãõ, a roupa que pretenda lavar-se; cobre-se tudo o *mais hermeticamente possivel*, e deixa-se neste estado cerca de tres horas. Depois lava-se a roupa, esfregando-a mais levemente do que é costume: agora é inutil o sabão, a escova ou batedor; enxagua-se com agua tepida e põe-se a seccar.

Deve haver cautela em não deitar fóra a lexivia assim preparada, porque ella pôde muito bem servir para outra operacão; basta torná-la a aquêcer e lançar-lhe apenas um terço das quantidades acima indicadas para o ammoniaco e essencia de terebenthina. Terminada esta segunda operacão, ainda se pôde utilizar a lexivia para dar a primeira lavagem à roupa mais suja, como esfregões, etc. As maiores nodas desaparecem como por encanto, e muito mais depressa do que empregando-se o sabão verde ou crystaes de soda.

Entre outras vantagens, que tem esta lexivia, não é das menores a de tirar quasi inteiramente e sem nenhum esforço as nodas de sangue.

«A razão cura a tristeza.»

S. Basilio.

EM GUIMARÃES

Aos nacionalistas

Chamamos a attenção de todos os nacionalistas para o recenseamento eleitoral. Um dos mais importantes serviços que podemos prestar á causa da religião e da patria, é empregar bem o nosso voto, e a isso somos todos obrigados em consciencia. Mas, para bem o empregar, é preciso tê-lo. Cumpre pois, que todos asseguremos este direito politico, velando pelo recenseamento eleitoral.

Um cidadão pôde recensear-se pelo fundamento de saber ler e escrever, ou por pagar contribuiçãõ superior a 500 reis. No primeiro caso, deve dirigir ao sr. secretario da Camara municipal, desde o dia 26 do corrente até 5 de janeiro proximo, o seu requerimento para ser inscripto no recenseamento. Este requerimento é feito em papel sem sello, escripto e assignado pelo proprio interessado. A fórmula pôde ser a seguinte ou outra equivalente:

Ex.º Sr. Secretario da Camara municipal de...

F... (aqui põe-se o nome por extenso) de... annos de idade, de profissãõ... (aqui indica-se a profissãõ: lavrador, carpinteiro, estudante, etc.), morador no logar de..., da freguesia de..., sabendo ler e escrever, como prova por este requerimento, pretendo ser inscripto no recenseamento eleitoral, que vai fazer-se: por isso

Pede a V. Ex.º se digne de lhe deferir como requer.

E. R. M.

F... (assignatura por extenso)

Este requerimento deve ser feito na presença de quem houver de o reconhecer. Se fôr notario publico o reconhecimento pôde ser: «Reconheço a lettra e assignatura supra, feitas na minha presença, o que certifico.» Mas não é necessario recorrer a notario publico, se ao requerente antes convier que o reconhecimento seja feito pelo parochio e regedor da sua freguesia. Neste caso, o parochio escreverá: «Attesto sob juramento que o requerente F... escreveu e assignou na minha presença o requerimento supra. O parochio F... e o regedor escreverá: «Attesto sob juramento a identidade da pessoa do requerente supra. O regedor F...»

Os requerentes devem juntar a sua certidão de idade, que será passada tambem em papel branco e reconhecida. To-

dos estes reconocimentos e a certidão devem ser feitos dentro de tres dias pelas referidas auctoridades e gratnitamente.

O cidadão que houver de se recensear por pagar mais de 500 reis de contribuiçãõ, e bem assim os que no anno anterior já estavam recenseados por saber ler e escrever, não precisam de requerer: mas precisam de opportunamente verificar se os seus nomes estãõ incluídos no recenseamento, para reclamarem, se fôr preciso.

Anniversario

Fez annos no último domingo o sr. Conselheiro D. Prior Manuel de Albuquerque.

Ao illustre sacerdote os nossos parabens.

Noticias ecclesiasticas

No sabbado passado receberam a sagrada ordem de presbytero os revs. Sebastião Luis de Araujo Gomes, desta cidade; José Diaz Ribeiro da Silva, da freguesia de Salvador do Souto; e Antonio Francisco Ribeiro, da freguesia de S. Clemente de Sande. Os nossos parabens.

—Na camara Ecclesiastica foi passada carta de encomendaçãõ, por um anno, para a freguesia de Santa Leocadea de Briteiros, a favor do rev. Padre Antonio José da Silva Gonçalves.

—Na mesma repartiçãõ foi passado igual titulo, pelo mesmo tempo, para a freguesia de Sant'Iago de Candoso, a favor do rev. Padre Gaspar Leite de Oliveira.

—Na mesma repartiçãõ foi passada carta de cura, por um anno, para a freguesia de S. Martinho de Sande, a favor do rev. Padre João Marques Guimarães.

Condennação

Terminou esta madrugada o julgamento do sr. José da Silva Oliveira, accusado de assassinar com um tiro de espingarda, no dia 26 de junho de 1901, o sr. Francisco Ribeiro Martins da Costa, no pinhal de Agra.

O jury, por maioria, deu o crime por provado. A sentença condemna o reu em 8 annos de prisãõ celular, seguidos de 20 de degrêdo em possessãõ de primeira classe, com 2 annos de prisãõ no logar do degrêdo; e, na alternativa, a 28 annos de degrêdo com 4 de prisãõ no logar do degrêdo; e, alem disso, nas custas e sellos do processo e em 250\$000 reis para o seu advogado.

A familia do assassinado, convencida de que, embora em boa fé, perseguira indevidamente o primeiro accusado, Julio de Campos, vai-lhe dar um subsidio em reparacão da grande ruina que a accusaçãõ lhe causou. Assim o fez saber no tribunal. Bem haja.

Várias noticias

A mesa da V. O. Terceira de S. Francisco distribuiu hontem a quantia de reis 250\$000 pelas 83 amas de expostos deste concelho, em cumprimento do legado instituido por Antonio Francisco da Costa.

—Realizou-se no passado domingo, de tarde, a publicaçãõ da Bulla na igreja da Collegiada.

—No mesmo dia celebrou-se na igreja da Misericordia o anniversario das Almas, que este anno houve de ser transferido do terceiro para o quarto domingo do Advento, por aquelle ser impedido pela festa de S. Damaso, padroeiro da cidade. Houve sermão de tarde.

—Falleceu a sr.ª D. Olivia Fernandes, filha do sr. João José Fernandes. Foi victima da tuberculose.

«Faze coisas grandes, mas não as promettas.»

Xisto Pythagorico.

«A alma vestida de caridade é quasi omnipotente.»

Santa Maria M. de Pazzi.

«O sabio é sempre rico; mas é raro que o rico seja sabio.»

Thales.

A Restauração

“NATUS EST IESUS,”

Mais um hymno christão, ó minha lyra:
Uma saudade mais que desabroche
Com mystico perfume à raiz da alma!
Quero-me ir ao Presepio á meia noite,
Por offrenda levar ao Deus Menino
Os sons do coração em novos carmes.
Versos, versos do bardo estremecidos,
Afinai-vos melhor no tom da crença:
Estrella dos tres Reis, sê minha musa!

I

Da noite co'as asas
Toldaram-se os ceus
E os montes e as casas
E os mil corucheus
Do nosso hemispherio:
Da noite no imperio
Já tudo é mysterio,
Já tudo tem veus.

Mas ouve-se um sino:
E o som festival
Nos diz que o Menino
Da Mãe virginal
No mundo é já nado;
E o mundo a tal brado
Accorda assombrado,
Festeja o Natal.

A noite é mais dia,
Que o dia melhor;
A' terra allumia
O seu Creator:
E brilham fogueiras,
Festeiros, festeiras,
Em danças ligeiras
Dançando ao redor.

Tambem patriarchas,
No throno do lar
Singelos monarchas,
Vereis a folgar

Co'a a prole ajuntada:
Melhor consoada
Na bênção sagrada
A' prole ham de dar.

A' viola tangida
A môça cantou.
E a môça garrida
Mais linda ficou:
Que a trova do canto,
Tam puro e tam santo,
E' trova de encanto
Que o ceu lhe ensinou.

“Jesus de minha alma,
“Do ceu tenra flor,
“Dos justos a palma,
“Dos anjos amor,
“Da Virgem a glória,
“Do Padre memória,
“Da crença victória,
“Salvai-me, Senhor!”

Cidade ou aldeia,
O mundo christão
Mil vozes alteia,
Bradando oração!
Rainha ou zagala
Na choça e na sala,
Se vestem de gala
E ao templo se vam.

II

O templo!... todo em luz se affoga; e manda
Ao throno de Deus vivo ondas ferventes
De orações e de incenso!
A voz do sacerdote e a vôs do órgão
Vam casadas voando num só vôo
Em louvor do Eterno!
O Verbo, que encarnou, é hoje nado,
E hoje os portões do famulento inferno
O Verbo ferrolhou-os!
Messias!... tu nasceste!... Vencedora
A mulher da mulher chamou-te filho,
E riu-se da serpente!
Eu quero ir ler escripto no Presepio
Esse canto de amor do gran poema
Da redempção dos homens!

III

Linda a Virgem da Judeia
Se recreia,
Vendo a face ao Filho seu:
Toda graça, toda riso,
Paraíso
Tam donoso como o ceu.

Della em braços o Menino,
Pequenino,
Embalado quer dormir:
Mas a Virgem tem desejos
De mil beijos,
Que em seus labios vê florir.

Foje o somno entre os carinhos,
Quaes dos ninhos
Fogem aves co'a manhã:
Còra a Virgem de mimosa,
Como a rosa,
Como a rosa mais louça.

Prende o Filho num abraço,
Doce laço
Para o collo maternal:
E' a abelha mais doirada
Pendurada
Dentre o lirio virginal.

Sam-lhe palhas o bercinho,
E nuzinho
Deita-o nellas sua Mãe:
Quem lá vira esta riqueza
Na pobreza
Do Presepe de Belem!

Que mysterio! A Divindade
Na humildade!
Na miseria o Rei dos ceus!
Animaes desentendidos
Escolhidos
Para còrte ao Senhor Deus!

O Presepe era um exemplo!
Era um templo,
Onde as palhas sam altar!
Reis e povos, ricos, nobres,
Com os pobres
Vinde todos adorar.

Vem dos campos a zagala,
Toda gala,
Trazer mel, trazer amor:
Traz a infancia cestos novos
Cheios de ovos,
E cordeiros o pastor.

Toda a terra pressurosa,
Fervorosa,
Vem correndo a ver a luz:
Mal chegados, môços, velhos,
Em joelhos
Dizem: «Glória ao Deus Jesus!»

Uma estrella do oriente
Vem luzente
Os tres Reis a allumiar:
Vozes de anjos logo ouviram,
Quando viram
Prêsa a estrella se quedar.

Entram, pasmam, estremecem,
Reconhecem
Que já reis ali não sam:
Dam-lhe myrrha, incenso e oiro,
E o thesoiro
Que é melhor—a adoração.

Chora a Virgem, de ventura,
E se apura
A lindeza em tal crisol:
Era aurora co'os diamantes
Rutilantes
Ao nascer do eterno Sol.

Já dos anjos na aurea pluma,
Uma e uma
Vam as lagrimas de amor:

E já dellas lá na glória,
Por memória,
Faz estrellas o Senhor!

Grave o Padre putativo,
Pensativo
Junto ao Filho ajoelhou:
Alvo còro de mil anjos
E de archanjos
Canto ignoto ali cantou:

«A's penas de homens deu mate
«O resgate,
«Que na terra já reluz:
«Glória a Deus, á Virgem Madre,
«Glória ao Padre,
«Glória ao Padre e ao seu Jesus!»

IV

A noite vai alta; e as vozes tam graves
Do órgão morriam do templo co'a luz:
Já tudo sam trevas; sòmente entre as naves,
Remate ao poema, brilhava uma cruz!...

O bardo adorou-a: partiu, e sòmente
Invejas por carmes da lyra arrancou:
Invejas, que ao longe na voz innocente
Em versos a brisa gemendo mudou...

Oh! não poder como as aves
Ter asas, voar aos ceus!
Não poder ir sobre os astros
Cantar o Natal de Deus!

Invejo a nuvem cerúlea,
Que roçara os ceus no monte;
Invejo o raio que morre
Sobre as orlas do horizonte!

Invejo as grimpas do templo,
Invejo o erguido rochedo,
Invejo a fronte elevada
Do colossal arvoredor!

Invejo as altas cornijas,
Do volcão invejo o grito;
Invejo as vagas que bramem
Nas fronteiras do infinito!

Invejo as auras velozes
Percorrendo a immensidade;
Invejo tudo o que bate
A's portas da eternidade!

Invejo! Porque eu quisera
Tambem remontar-me aos ceus
E, pairando sobre os astros,
Cantar o Natal de Deus!

João de Lemos.

Protector de animaes

Em sua casa

Jacintha, ó Jacintha, emmouque-
ceste?

—Que deseja V. Ex.ª?

—O almôso.

Pausa.

—Jacintha, Jacintha!

—Já vou, snr.

—Se te não mexes, faço alguma
das minhas... Que damnhos atra-
zos, que creadas tam reles, onde
se viu um zelo tam aleijado!...
Vê lá se te avias.

—Prompto; aqui está a sopa...

—Sopa! Isto é lá sopa? Isto é
pomada de heliotrapo. Sai-te da
minha presença.

—Mas...

—Se te não desandas, atiro-te á
cabeça com o prato das azeitonas...
E lembrar-me eu, que estou a largar,
por mês, tres mil e quinhentos
reis de massas, para aturar
uma besta assim!

Sergio, enfurecido devêras, princi-
pia a comer. De vez em quando,
grunhindo, pateia nervosamente o
pavimento.

—Criados! praga de criados!
Não posso encarar esta cáfila de
inimigos. Um dia inflamma-se-me o
phosphoro no capacete, e dou cabo
desta lesma, que só serve para
uma pessoa a esmagar. Apre!...

Hontem, espedaça-me a leiteira;
ante-hontem perde-me um dos botões
do collete. Por este caminhar,
dentro em pouco, fica-me em estilha-
sas tudo o que tenho em casa...
Jacintha, ó Jacintha! põi fóra da-
qui esta sopa; deita vinho; traze as
costeletas; abre-me aquella janel-
la; tem-me as botas lustradas; passa
com cuidado a escova no «paleto»;
examina se deixei na mesa da cabeceira
a commenda da Conceição, que tirei
para limpar.

Jacintha ciranda, confundida, de
lado para lado, mal sabendo como
dar expediente ás mil e uma ordens
emitidas pelo amo.

—Mas trazes ou não trazes tu
as costeletas? Parece que tenho de
as ir buscar á cozinha... A'manhã,
entrouxa e põi-te no olho da rua.
Hoje ainda te aturo: ha que passar
a ferro a roupa vinda da lavadeira,
que levar uma carta ao compadre
Lucas, esfregar as pyramydes do
leito, pintar-me atrás a cabeleira...
Isto, mulher, não é coisa que se
coma. Nem conheces vergonha,
nem ha debaixo do sol pessoa mais
sebenta do que tu és. Ponho-me
fóra daqui, para não endoidar por
tua causa. Que gente! Miseravel
corja! Não sabem o que é attenção,
o que é delicadeza, como se ha de
viver como os semelhantes! Terra
assim... irra!

Na secretaria do Monte-pio

O snr. Sergio, fumando, recotado
na escrivania. Um sujeito,
humildemente vestido, entra e per-
gunta:

—O snr. Rodrigues?

Sergio:—A's suas ordens.

—Venho pedir a V. Ex.ª a cari-
dade de despachar o expediente...

—Qual expediente?

—O da pobre viúva Pulcheria.
Tem sete filhos que pôde abrigar
debaixo dum cesto, e o homem,
conductor das malas, morreu-lhe,
—coitado!—duma quéda desastrosa.

—E quê?

—Nada; é que elle morreu.

—E eu tenho culpa nisso?

—Nem eu digo que tenha...

—Faltava essa!... O expedien-
te ha de se despachar quando lhe
tocar a vez. Estou consumido
com serviço.

—Não parece.

—Não te ponhas a discutir aqui
as minhas acções de funcionario.
Vês tu esta veia, que aqui tenho na
testa? Pois quando começa a in-
char é signal claro de que o ner-
voso me vai atacar. Põi-te daqui
fóra; já não sei onde estou...

—E' que...

—E' que, coisa nenhuma. O' por-

teiro, depressa, depressa, leva-me
este homem até á porta da rua.

E o snr. Sergio ficou a dizer pa-
ra os botões:

—Cáspite! que meliantada! quem
será o typo, que se lembrou de
bisnagar a minha actividade ou o
meu zelo no desempenho do cargo?
Só esta faltava! Se não vai lesto
e presto, ia-me descadeirado para
se curar na santa casa. Biltre até
ali...

E para acalmar, accendeu novo
charuto, flor do Chiado.

Em sessão

Sergio, de pé, agitando os bra-
ços:

—Abominêmos essa ralé que
maltrata um boi, crucifica um gato,
pontapeia um misero rafeiro a cair
de fome! Ah! senhores! Somos to-
dos animaes, ainda que mal sõe
esta franqueza de expressão. Por-
que nos não havemos, uns aos ou-
tros, de amar, abraçar, proteger?
A abelha afana-se a fornecer-nos o
mel, o carneiro a despir-se do vello
precioso para termos um leito
confortavel; a burra em pessoa, ge-
nerosa e humanitaria, nos presta
sua benéfica substancia lactea em
nossas enfermidades dos órgãos
respiratorios. Amêmos o boi, esti-
mêmos os asnos, prezêmos o hu-
milde congro que se deixa frigar
em pura vantagem nossa, sem ex-
halar ao menos um leve queixume.
—Bravo! Bravo! Muito bem!...
clamam os socios em còro.

O snr. Sergio:—Quando o louro
percevejo nos morde, julga mini-
strar uma consolação; se o mosqui-
to zumba, é para nos alegrar a
existencia; o touro que investe,
ignora o damno que vai produzir.

Os socios—Sublime! Colossal!

Sergio:—Não applaudais as mi-
nhas palavras que brotam do cora-
ção. Basta-me saber que sou intér-
prete fiel de vossos nobres pensa-
mentos. A associação em que nos
filiamos, tem um fim notavel, me-
ritorio, grandemente sublime. Tra-
balhemos sem descanso na redemp-
ção das bestas e teremos cumpro-
do um dever fraternal!...

Os applausos abafam a voz do
orador, por todos effusivamente
abraçado ao concluir o discurso.

—Que talento! exclamavam al-
guns.

—Que nobilissima alma! accres-
centavam estes.

—Que insigne philanthropo! con-
cluam aquelles.

Sergio, com olhos marejados de
lagrimas, alimpa o suor e respira
contente de si.

Na rua

—Meu rico senhor! Uma esmoli-
nha pelo amor de Deus! Ha dois
dias que não tenho pão! Um pe-
dreiro gasto, para quem não ha
trabalho.

—Deixa livre o passeio, vá! Não
te ponhas em cima. Não vês que
por um triz me ias pisando um cal-
lo. Que bruteza a desta gente!...

Manteiga garantida

Fabricada na quinta de Car-
reiro —Infantas— pelos proces-
sos mais modernos adoptados na
Escola Agricola de Santarem,
de que o distincto agronomo o
Ex.º Sr. João Motta Prego é
mui digno Director.

Dum palladar agradável e de
uma puresa incontestavel desde
já se encontra á venda em casa
do Snr. Bernardino Jordão á
Praça de D. Affonso Henriques,
em casa do Snr. Oliveira & Sil-
va ao Tournal e em casa do Snr.
Antonio d'Araujo Salgado no
Tournal.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontificie e redactor da "Revista Catholica,"

É por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas também nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiples.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfiziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo número, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiples que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo diferente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sòmente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labirinto de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga — Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram também satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia DE Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE GERMANO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarehal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuégas. Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congenere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º
LISBOA

FSTA interessante publicação que está sabido das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

As Terras de Valdovés
MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ
POR José Candido Gomes

Pedro Scavini
THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL
Edição unica e completa em Portugal

ACABA DE SE PUBLICAR
NOVO COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que accitarem o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 reis cada volume nesta villa, e mais 50 reis fóra d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*— revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea
PELO PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS
Professor do Seminario dos Carvalhos
2 volumes..... 1\$500 reis

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 reis.

Confeitaria Fernandes Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encomendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVIVATIVOS.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLIGA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.